

A RECEPÇÃO CRÍTICA DE DARCY RIBEIRO FICCIONISTA

Prof^a. Me. Elise Aparecida de Oliveira Souza
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

Resumo: Tendo em vista o valor literário e artístico expresso na obra ficcional de Darcy Ribeiro, propomos resgatar o Darcy Ribeiro romancista. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca apresentar a recepção crítica do antropólogo-romancista a partir das décadas de 70, 80 e 90, fazendo um percurso até a atualidade. No que se refere ao pensamento sobre a América Latina, aponta Haydée Ribeiro Coelho (2000) que Darcy Ribeiro é um dos maiores expoentes da intelectualidade do século XX. Nessa conjectura, propomos uma análise da criação artístico-literária em *Maíra*, com a intenção de apresentarmos o universo ficcional darcyniano e, do mesmo modo, estabelecer relações do referido romance com as mudanças que atingiam a sociedade brasileira no período de sua publicação. Dessa maneira, é imprescindível retomar as ideias abordadas pelo escritor mineiro, expostas em seu romance, com a intenção de estabelecer uma possível concatenação de seu pensamento com a crítica literária contemporânea.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; *Maíra*; crítica; Literatura.

Summary: In view of the literary and artistic value expressed in the fictional work of Darcy Ribeiro, we propose to rescue Darcy Ribeiro as a novelist. From this perspective, this work aims to present the critical reception of the anthropologist-novelist from the 70s, 80s and 90s to the present. With regard to Latin America, Haydée Ribeiro Coelho (2000) states that Darcy Ribeiro is one of the greatest intellectuals of the twentieth century. In this conjecture, we propose an analysis of artistic and literary creation in *Maíra*, with the intention of presenting the darcynian fictional universe and likewise establish this novel's relations with the changes that affected the Brazilian society in the period of its publication. Thus, it is essential to resume the ideas addressed by the writer of Minas Gerais exposed in his novel with the intention of establishing a possible concatenation of his thought with the contemporary literary review.

Keywords: Darcy Ribeiro; Maira; review; Literature.

Silviano Santiago (1982) afirma que a criação da Antropologia, disciplina de origem europeia, promoveu um “descentramento” importante no pensamento ocidental, pois deixou a cultura europeia de ser a detentora da verdade, de se manter como a cultura de referência, estabelecadora, por excelência, das hierarquias. Essa nova concepção permitiu a valorização dos objetos culturais periféricos, que eram desautorizados pelo centramento ou marginalizados por causa de questões econômicas.

Para o crítico, o processo de formação do intelectual modernista foi fortemente influenciado por esse acontecimento; então, o artista brasileiro buscou se atualizar, investindo contra os valores impostos pelo cânone eurocêntrico, fazendo do primitivismo fonte de inspiração e de beleza para a

produção artística e literária do período. O intelectual adota, para tanto, uma estratégia estética e política que permite resgatar a multiplicidade étnica e cultural da constituição nacional, estabelecendo também vínculo com o pensamento universal não eurocêntrico.

Mário de Andrade tornou-se a liderança intelectual dos modernistas, com suas ideias audaciosas, atribuindo a si a tarefa de se posicionar não apenas contra o ideário eurocêntrico do nosso abominado passado, como também a de restituir-lhe a diversidade cultural que se encontrava escamoteada pelas elites.

Silviano Santiago (2008) entende ainda que, devido à censura e à repressão policial da Ditadura Militar, imposta pelo golpe de 1964, o modelo proposto pelos modernistas passa por um processo de avaliação crítica, e o intelectual brasileiro, que trabalhava com a desconstrução do etnocentrismo, é acometido por um sentimento céptico, perdendo o otimismo nacionalista anterior. Ganha relevo as questões relacionadas ao poder e à violência no processo histórico de construção da pátria.

A visão de outrora passa, então, a ser desconstruída nos anos de 1960. “Na arte engajada dos anos 1960”, diz Santiago, “a imagem do Brasil moderno e industrializado se contrapõe à imagem do Brasil arcaico e tradicionalista”. (SANTIAGO, 2008, p. 38). A reação apresentada pelas novas gerações aos dois modelos culturais é motivada por movimentos sociais contrários à influência norte-americana no âmbito mundial e, especialmente, no Brasil.

No que se refere às novas tendências na arte e na cultura brasileiras na referida década, a luta da esquerda contra a Ditadura Militar deixa de ser questão central, passando a prevalecer novos questionamentos suscitados pela crescente democratização no país.

O que se percebe com esse fenômeno é o crescente abismo entre as classes, no âmbito econômico, social e cultural, acentuando, cada vez mais, as desigualdades entre os grupos.

A necessidade de se pensar a nova realidade se impõe a alguns intelectuais brasileiros, como Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa, que desejam promover um debate amplo e aberto sobre a sociedade brasileira. Todavia, esse debate só seria promovido, posteriormente, no campo da arte, que passa a ser considerada “não mais como manifestação

exclusiva das *belles lettres*, mas como fenômeno multicultural que estava servindo para criar novas e plurais identidades sociais” (SANTIAGO, 2008, p. 137).

Com a publicação de *Maíra*, no ano de 1976, surge o ficcionista Darcy Ribeiro. O romance foi escrito durante o tempo em que seu autor esteve expatriado, pois o intelectual brasileiro encontrou na escrita uma maneira de evadir daquela prisão, fato sobre o qual o próprio autor disse: “Vivi milhares de minhas horas livres em pura liberdade, porque não estava no exílio enquanto escrevia; mas na Amazônia, com meus índios” (RIBEIRO, 2007, p. 22).

O que chama a atenção em *Maíra* é a elaboração da criação artística do texto, a qual mescla, em parte, tanto ficção quanto história. Além disso, há a mistura de vários gêneros na narrativa: não há somente o discurso religioso, na forma de ladainhas, orações e textos bíblicos, mas também documentos oficiais, como o depoimento, o ofício e, inclusive, o policial, que faz a abertura da obra.

O romance é dividido em quatro partes, que se subdividem em sessenta e seis capítulos, os quais recriam as tradições do universo indígena. Contudo, a organização da obra – dividida em Antífona, Homilia, Canon e *Corpus* – reconstrói uma missa católica: “Descobri que a estrutura de *Maíra* era a missa católica, e tudo reescrevi com essa intencionalidade” (RIBEIRO, 2007, p. 22).

Notadamente, o autor desconstrói o discurso católico usado pelo colonizador para rasurar a cultura etnocêntrica e, em seu lugar, ele inscreve os ritos, os mitos, as lendas, os deuses pagãos, impondo, na urdidura ficcional, a cultura indígena, em oposição à cristã, a qual é associada à cultura europeia. Assim, Darcy Ribeiro cria uma espécie de descolonização literária, à proporção que usa o discurso religioso com a intencionalidade de subvertê-lo.

No primeiro capítulo, acontece a investigação de um suposto crime. Uma moça branca e loura é encontrada morta na praia de Iparanã, próxima à aldeia dos índios mairuns. Na busca por esclarecimento, o delegado Ramiro convoca, para prestar depoimento, o naturalista Peter Becker, que descreve a cena:

Sobre a praia, distante vinte metros aproximadamente da linha-d'água, jazia, em decúbito dorsal, uma jovem mulher branca, meio despida, com o pintado de traços negros e vermelhos, formando linhas e círculos. A dita mulher tinha entre as pernas abertas e entre

as coxas se podia ver um duplo feto, quero dizer, dois nasciturnos do sexo masculino ainda envoltos na placenta e ligados à mãe pelos cordões umbilicais [...]. Verificou ainda que tinha na testa um pequeno sinal de machucadura antiga, cicatrizada. E, ademais que tinha as faces, as mãos e as pernas marcadas por arranhões em estrias, alguns dos quais meio infeccionados. Estas últimas constatações é que o levaram a crer na hipótese de um crime. (RIBEIRO, 2007, p. 35).

Como se vê, o naturalista suíço, equivocadamente, confunde as marcas presentes no corpo de Alma com indícios de um crime, característica que denota o olhar preconceituoso do homem estrangeiro; do mesmo modo, seu desconhecimento sobre os rituais da cultura indígena.

Quanto a isso, Ellen Spielmann entende que, em *Maíra*, Darcy Ribeiro:

[...] persevera nos argumentos subversivos e práticos de acabar com aquela antropologia que insiste nos conceitos culturais da descoberta dos “outros” (os índios) com a pretensão de representá-los e de açambarcá-los. (SPIELMANN, 2007, p. 424).

Assim, a partir da investigação, adentramos o universo indígena, conduzidos pelo narrador, que perfaz a trajetória histórica e cultural da tribo.

Nesse passo, o narrador apresenta a aldeia Mairum, centralizando o velho tuxaua Anacã, que decide morrer para que a vida renasça em sua tribo. Após o pronunciamento do tuxaua, iniciam-se os preparativos para a cerimônia, nos quais os mitos e os ritos serão retomados: “Anacã está sepultado. Logo morrerá. A vida deve, agora, renascer” (RIBEIRO, 2007, p. 39-40).

A partir do excerto, notamos que a atitude do chefe indígena caracteriza o desejo de salvar a tradição da tribo Mairum, que se encontra ameaçada com a chegada da modernização: “Este meu povo Mairum, esta aldeia, tudo está deteriorado” (RIBEIRO, 2007, p. 301). Nesse sentido, o resgate da memória cultural da tribo implica em uma maneira de reavivar a identidade cultural do povo indígena.

Nessa linha, podemos pensar que Darcy Ribeiro, em seu romance, inscreve relações do índio com o povo brasileiro e da tribo com a pátria, ambos ameaçados pela influência estrangeira.

Diante disso, percebemos que a construção da narrativa refaz a trajetória histórico-colonial e permite que o leitor faça uma associação do passado histórico do Brasil com o presente, que se encontra ameaçado pelo neocolonialismo norte-americano. Nesse viés, o jogo dialético entre o passado

e o presente funciona como uma crítica à estrutura política e econômica do Brasil, abrindo, simultaneamente, reflexões para o futuro nacional.

A passagem estimula também um questionamento a respeito da uniformização cultural, haja vista que as ideias imperialistas, europeias e norte-americanas, acabam por dissolver a diversidade cultural, à medida que elegem uma única cultura como modelo.

A linguagem em *Maíra* é marcada por contribuições de vários códigos linguísticos: o latim, nas orações feitas por Isaías e pelos missionários e freiras católicos; o inglês, na ladainha cantada pelo missionário norte-americano Bob; línguas indígenas, nas vozes dos mairuns; e ainda, a regional, nas pregações do cearense Beato Xisto. Também se observa a mistura da norma culta da língua portuguesa – ofícios, relatórios e cartas dos funcionários do governo – com dialetos indígenas. Desse modo, o autor mistura elementos discursivos opostos sem deixar que um discurso se sobreponha ao outro.

O narrador, por vezes, assume o olhar de cada grupo representado sem se reduzir a uma única voz, proporcionando o entrecruzamento de vozes. Dessa maneira, cria-se, durante a narração, um espaço de reflexão sobre a sociedade, sem limitá-lo a um único discurso.

No entanto, no capítulo “Egosum”, o leitor é capaz de perceber que quem fala é o autor. Aspecto analisado por Antonio Candido, que afirma: “Ele próprio parece ter querido ressaltar esta distinção fundamental, pois há um momento importante, situado exatamente no meio do livro, onde quem fala não é o narrador: é claramente ele.” (CANDIDO, 2007, p. 384).

Conforme Candido, o próprio autor quis, nesse capítulo, evidenciar que é ele próprio quem fala, uma vez que “Egosum”, expressão latina, faz referência à voz do criador da narrativa.

Na tribo, a presença das missões católica e protestante alude ao momento de catequização empreendido pelos jesuítas, porém, a catequese, agora, é desenvolvida não apenas pelos padres e pastores estrangeiros, mas também pelo beato Xisto, um caboclo cearense que se reúne toda tarde para pregar à comunidade de Corrutela.

Em suas liturgias, o beato mescla o discurso cristão e o pagão, conforme podemos constatar:

Está aqui: - Porque a quem tem lhe será dado e terá mais. Porém, a quem não tem, o pouco que tem lhe será tirado. "Assim está escrito, está aqui! É a verdade inteira. Assim é. Ninguém sabe por quê, ninguém explica. Mas é assim que acontece aqui, agora, todo dia, toda hora. O rico enricando e o pobre penando. (RIBEIRO, 2007, p. 188).

Entendemos que a paródia usada por Ribeiro, com a desconstrução do discurso religioso, serve para instigar no leitor uma percepção do real, além de designar a desigualdade existente entre as classes sociais.

Mas a paródia não se restringe apenas à fala do beato, aparece ainda nas orações de Isaías, na forma de ironia:

[...] Deus-Pai, Deus-Filho, Arcanjo Decaído
Maria Santíssima, Açucena do Senhor
Maíra-Monan, Maíra-Coraci, Micura
Mosaingar: parida dos gêmeos de Deus
Meu Deus de tantas caras, eu que tanto creio
como descreio, peço a cada um e a todos; rezo
e peço humildemente;
Que eu não chegue lá, se não for de Tua vontade
Que eu só chegue lá, se esta é Tua vontade
Mas, se chegar, que eu possa ser um entre todos
Indistinguível. Indiferenciável. Inconfundível
Um índio mairum dentro do povo Mairum.
(RIBEIRO, 2007, 109).

A ironia subjaz à proporção que Isaías/Avá invoca em sua oração, o Deus católico com os deuses indígenas, recorrendo, simultaneamente, à Maria Santíssima e a Mosaingar, a Deus-Pai e à Maíra-Monan, dentre tantos, que mostram a contradição do índio que ora age como cristão, ora como pagão. O excerto revela a ambivalência do índio mairum, que está dividido entre as tradições católica e indígena.

Há também um questionamento sobre a identidade do indígena no romance. Todavia, a questão da identidade suscitada na obra tem em vista apresentá-la não como uma característica individual, mas como pertencente a um conjunto, a uma classe, portanto, coletiva. Aspectos que podemos analisar na expressão "um índio mairum dentro do povo Mairum", que sugere o desejo do Avá em participar de um grupo. O que, para ele, ainda não aconteceu nem com o índio nem os que se encontram a margem da sociedade brasileira: "Afinal, ser mairum, ou brasileiro branco, preto, índio ou mestiço não tem importância nenhuma. O ruim em mim, o errado, está em não me esquecer disto, nem dia, nem de noite" (RIBEIRO, 2007, p. 43). A ironia, aqui, constrói-se

à medida que o índio Isaías, mesmo aculturado, não encontra lugar no mundo civilizado.

Ainda, no que se refere ao traço irônico, este se delinea também na personagem Alma; embora branca e civilizada, ela não consegue se ajustar à sociedade moderna: “Não posso com as favelas. Deus não cabe no meio de tanta fome, sexo e maconha” (RIBEIRO, 2007, p. 61). Nessa vertente, assim como Isaías, a moça também não se integra ao progresso da modernidade.

Do mesmo modo, os caboclos que permaneceram nas pequenas vilas também foram atingidos pelo fenômeno da modernização, de tal forma que enfraqueceram suas práticas culturais, intensificando sua pobreza, porquanto passaram a depender apenas dos produtos comercializados, e não mais do cerrado, para suprir as necessidades básicas, como a alimentação: “É tempo de piqui, Quinzim. Tempo de fartura nesses tabuleiros, cá de cima. Tempo de araticum. Entra no cerrado, comida não falta” (RIBEIRO, 2007, p. 43).

No que tange à análise, a paródia torna-se um recurso utilizado por Darcy Ribeiro para representar os grupos que estão à margem da sociedade, os excêntricos, como os índios, a mulher e os caboclos, que se encontram marginalizados por uma ideologia dominante.

Durante a viagem de retorno para a aldeia, Isaías, ao se deparar com a construção de Brasília, exprime: “Brasília me devolve aos mairuns, aos nossos mitos da criação. Eles situam aqui o que há de mais sinistro. Brasília é o mundo mairum que se transfigura. O pior do nosso mundo aqui se converte.” (RIBEIRO, 2007, p. 131).

Já para Alma: “O terrível de Brasília é que já nasceu velha. Só a roupagem é nova” (RIBEIRO, 2007, p. 131). Entendemos, a partir das observações de Isaías e de Alma, que a cidade monumento não está vinculada à ideia de progresso ou de mudança, mas à de retrocesso e de continuidade da política anterior, ou seja, a de exclusão das minorias do centro político e econômico nacional.

Quanto à volta ao Indianismo no romance *Maíra*, Antonio Candido afirma:

[...] se pudermos dizer que *Maíra* é a seu modo um romance indianista, isto só terá sentido se for para mostrar a sua originalidade. Não há mais nele redução lírica ou heróica de José de Alencar, que fala dos índios, e por eles, com a sua plena voz de civilizado que os quer embelezar. Não há tampouco

voz cheia de sarcasmo e humor com que Mário de Andrade desenrola a sátira de *Macunaíma*. (CANDIDO, 2007, p. 383).

Nessa premissa, o Indianismo, em *Maíra*, destaca-se por sua originalidade, distanciado tanto do lirismo apresentado por José de Alencar em *Iracema* como do aspecto cômico apresentado por Mário de Andrade em *Macunaíma*.

Por outro lado, ao contrário do conformismo do índio alencariano, em *Iracema*, e até mesmo do mau-caratismo do “herói de nossa gente”, em *Macunaíma*, o índio darcyniano revela-se ambivalente e duplamente excluído de sua tribo e de seu país, um inadaptado na sociedade moderna, por vezes, melancólico. Além disso, o índio mairum tem voz e mostra suas reflexões diante das mudanças que tanto provocam aventura quanto incertezas.

Nesse viés, podemos inferir que, no romance *Maíra*, ainda que seu autor volte ao Indianismo e que, por sua vez, a imagem do índio mantenha a ideia de reivindicação da identidade nacional, sua mensagem pode ser diferente da do significado anterior, ou seja, sua perspectiva pode ser outra.

Nessa abordagem, entendemos que o retorno ao Indianismo pode servir não só para suscitar um questionamento sobre a questão da identidade nacional ou indígena, mas também a reflexão sobre as transformações históricas, políticas, econômicas e sociais que assolavam a sociedade brasileira.

Maíra evoca alguns traços modernistas, como a paródia e a fragmentação, todavia, a forma que esses recursos são empregados na tessitura ficcional do antropólogo-romancista contradiz a visão utópica da fase heroica do modernismo brasileiro que enxergava no movimento: “capacidade de, modernizando-se, transformar o velho mundo burguês numa espécie de visão do paraíso” (HELENA, 1995, p. 105). Nesse passo, enquanto os modernistas da primeira fase acreditavam no progresso para a salvação do futuro nacional, no romance *Maíra*, o progresso desencadeia a exclusão social, de certo modo, a decadência humana e moral. Nessa acepção, Darcy Ribeiro apresenta uma visão negativa do progresso, criando pontos de divergências com o ideário de progresso proposto pela primeira fase modernista.

Nessa conjectura, a paródia e a fragmentação, em sua urdidura ficcional, servem para suscitar questionamentos sobre os diferentes problemas que compõem a sociedade brasileira. Fato sobre o qual Silviano Santiago esclarece, a respeito do romance *Maíra*: “aparentando-se portanto ao texto modernista, mas dele guardando distância, pois a perspectiva histórica é outra” (SANTIAGO, 2002, p. 41).

Antônio Candido (1989), ao tratar da narrativa brasileira na década de 70, cita *Maíra* como uma das obras mais interessantes, associando o romance à ficção de Guimarães Rosa: “[...] ele recria a utilização ficcional do índio em chave transfiguradora, que lembra o que Guimarães Rosa fizera com o regionalismo: uma explosão nuclear” (CANDIDO, 1989, p. 215).

Embora, nesse mesmo texto, Candido tivesse identificado: “o fato de alguns livros mais criadores e sem dúvida mais interessantes da narrativa brasileira recente serem devidos a não-ficcionistas ou, mesmo, não serem de ficção [...]” (CANDIDO, 1989, p. 214), citando o autor de *Maíra*, verificamos que, em seu ensaio intitulado “Mundos Cruzados”, o crítico brasileiro reavalia o conceito de não ficcionista: “[...] *Maíra* é o livro de um antropólogo que assume plenamente a condição de escritor [...]” (CANDIDO, 2007, p. 382). E assegura: “[...] em *Maíra* a voz narrativa central não é a do homem Darcy Ribeiro, como num livro de antropologia, mas a do narrador que ele criou e vem de dentro da fabulação” (CANDIDO, 2007, p. 384). O crítico brasileiro ainda corrobora:

Darcy Ribeiro soube, portanto, escolher os bons critérios para fundir o real documentário, o socialmente válido e o transcendente, por meio do ficcionalmente expressivo. Sob este aspecto, *Maíra* revela uma notável arte de tecelão – tecelão de palavras, frequentemente animadas pelo sopro da poesia, mas sobretudo tecelão de linhas narrativas, as três mencionadas, exprimindo a vida tribal dos mairuns, os seus mitos, o contacto entre eles e os civilizados, com e sem aspas. (CANDIDO, 2007, p. 384).

Nessa mesma abordagem, no que se refere à publicação de *Maíra*, Moacyr Werneck de Castro (2007), ao resgatar o seu artigo intitulado “De etnólogo a romancista”, publicado em 1977, no semanário *Opinião*, expõe:

O romance de Darcy Ribeiro foi recebido num ambiente de estranha indiferença. Salvo uma ou duas resenhas, não houve comentarista de livros que identificasse na safra de 1976 o vigor, o nível, a originalidade de uma obra que, provavelmente, marcará a segunda metade do século XX na literatura brasileira assim como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, marcou a primeira metade. (CASTRO, 2007, p. 391).

O jornalista aponta que dois fatores, de certo modo, fizeram com que o romance tenha recebido pouca atenção dos especialistas brasileiros na ocasião: o primeiro refere-se a uma falha de visão crítica que desconfiava ser o romance “elaborado com sucata de material antropológico” (CASTRO, 2007, p. 391); já o segundo diz respeito ao contexto e à época da Ditadura Militar.

Por sua vez, Antonio Houaiss (2007), em relação ao referido romance, afirma: “Estamos a ponto de dizer, dentro em breve, que quem não leu sua obra não conhece ainda o Brasil” (HOUAISS, 2007, p. 395). E aponta, sobretudo, que os romances de Darcy Ribeiro “o situam entre os nossos poucos grandes romancistas” (HOUAISS, 2007, p. 396).

Com o avanço do debate dos estudos culturais, o momento é propício para resgatar Darcy Ribeiro romancista, tendo em vista que seu universo ficcional recria não apenas a diversidade cultural brasileira, mas, principalmente, os problemas próprios do país. Aspectos que podemos encontrar a partir das diferentes classes sociais que habitam o plano literário do escritor, como políticos, caboclos e índios. Sendo estes dois últimos marginalizados pela hegemonia dominante, representada, no romance, pela elite política, por vezes, motivada por interesses próprios, e ainda, por causa de um processo civilizatório desigual e desumano que coloca todos sob a mesma condição.

Nas diferentes funções que atuou – antropólogo, etnólogo, educador e político –, Darcy Ribeiro lutou não só pela questão dos povos indígenas, mas também para a preservação da natureza, por uma educação de qualidade e, principalmente, pelo reconhecimento do humano. Nesses termos, o autor sempre esteve em busca de uma sociedade mais justa e humanizada, que pudesse integrar a todos.

Aspectos que podemos constatar em sua vasta produção antropológica, na qual o intelectual brasileiro desenvolveu teorias para explicar o desenvolvimento desigual dos povos americanos que sofreram o mesmo processo histórico de colonização.

Evidentemente, subjaz no romance um diálogo com a antropologia, à medida que a narração cria uma cartografia não apenas das sub-regiões

culturais e sociais, mas ainda delinea as diferentes etnias, mapeando, com seu traço firme, a sociedade brasileira nos seus múltiplos aspectos.

Conclusão

Darcy Ribeiro usa várias estratégias linguísticas, tais como a fragmentação e a multiplicidade de vozes para romper com a linearidade da narrativa; entretanto, o autor conjuga os recursos discursivos opostos sem quebrar a harmonia do texto.

Ao unir as duas esferas culturais desconectadas – a tribo (interior regional) e a cidade (exterior-universal) –, o antropólogo-romancista torna-se um mediador-cultural, porque estabelece um elo entre as culturas opostas.

Além disso, o autor, por meio da justaposição dos contrários – ficção e história; discurso religioso e discurso pagão; linguagem formal e linguagem indígena e, ainda, a regional –, engendra, no romance *Maíra*, uma linguagem original que permite a integração harmoniosa entre os diferentes elementos discursivos.

Referências

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. Mundos Cruzados. In: RIBEIRO, Darcy. *Maíra: um romance dos índios e da Amazônia*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 381-385.

CASTRO, Moacir Werneck de. Um livro-testemunho. In: RIBEIRO, Darcy. *Maíra: um romance dos índios e da Amazônia*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 391-392.

COELHO, Haydée Ribeiro. A recepção crítica de Darcy Ribeiro na América Latina. In: PEREIRA, Maria A.; REIS, Eliana L. de L. (Org.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000, p. 85-102.

HELENA, Lúcia. Sobre a história da semana de 22. In: HELENA, Lúcia. *História da literatura: ensaios*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.p.101-127.

HOUAISS, Antonio. *Maíra*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maíra: um romance dos índios e da Amazônia*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 395-396.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*: um romance dos índios e da Amazônia. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SPIELMANN, Ellen. O antropólogo como escritor. In: RIBEIRO, Darcy. *Maíra*: um romance dos índios e da Amazônia. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 423-425.

Elise Aparecida De Oliveira Souza possui graduação em Letras-Português/Inglês (2002), especialização (Lato Sensu) em Literatura Luso-Brasileira (2006), e mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes. Atualmente, é professora de Literatura na Unimontes e Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo-USP, com pesquisa sobre Darcy Ribeiro: romancista.